

Diversão & Arte

Weber Padua/Divulgação



Jota Quest
lança nono álbum
da carreira,
De volta ao novo

MÁQUINA

Rumo aos 30 anos de carreira, Jota Quest lança nono álbum de estúdio, *De volta ao novo*. Com 23 faixas, o trabalho vai do samba ao rap com participações de Sérgio Britto, Rael, Lucas Silveira, Dilsinho e FBC

DE SUCESSOS

» ISABELA BERROGAIN

Formada na década de 1990, a banda mineira Jota Quest desconhece o fracasso. Alguns dos maiores sucessos do grupo, como *Encontrar alguém* e *Fácil*, foram lançados logo nos primeiros anos de carreira e tornaram-se responsáveis por dar início a um rol de músicas que entraram para o imaginário brasileiro. Quase 30 anos depois, o quinteto, que mantém a formação original até hoje, não desiste de emplacar novos hits e lança o nono álbum de estúdio, *De volta ao novo*.

“A gente nunca tinha demorado tanto tempo para lançar um disco”, destaca o vocalista Rogério Flausino em entrevista ao *Correio*. Antes, o último lançamento inédito da banda tinha sido em 2015, com *Pancadêlico*. O novo projeto, que soma ao todo 23 faixas, vem como uma coletânea de singles lançados nos últimos quatro anos e músicas compostas exclusivamente para o álbum.

“A pandemia veio para embaralhar as cartas todas, porque foi um período que bagunçou a cabeça de todo mundo. A gente é uma banda que precisa se encontrar, tocar junto, gravar disco junto e, naquele momento, nós não conseguíamos fazer isso”, lembra o cantor. Com a necessidade de ficar em casa, os artistas decidiram começar a gravar faixas avulsas para serem disponibilizadas on-line para os fãs.

Uma delas, por exemplo, *A voz do coração*, parceria com Rael, foi gravada completamente a distância. A música eventualmente se tornou parte do repertório do *De volta ao novo*, ao lado de canções que contam com a participação de nomes como Sérgio Britto, fundador do Titãs, Lucas Silveira, vocalista da banda Fresno, o pagodeiro Dilsinho e o rapper FBC.

Mesclando do samba ao rap, o lançamento do Jota Quest não deixa de lado o ritmo que os levou ao estrelato: o pop. “O nosso quarto disco se chama *Disco-tecagem pop variada*. O Jota Quest é isso. É aquela festa que toca black music, depois rock, seguido de um reggae e, no final, emenda com disco”, descreve o mineiro. “Nosso pop é uma mistura de referências desde a MPB até a música eletrônica”, acrescenta.

O novo projeto chega em meio a uma das fases mais bem-sucedidas do grupo. Em dezembro, o quinteto encerra a maior turnê da carreira, *Jota25*, em celebração aos 25 anos de estrada. Em Brasília, o show comemorativo ocorreu em outubro de 2022, no Mané Garrincha. “Entregar um bloco de canções novas é um desafio absurdo para uma banda de tanto tempo, porque muitas coisas poderiam ter acontecido para nós não termos chegado até aqui. Então, o processo de decidir fazer um disco até ele ficar pronto é muito sério para nós”, assegura Flausino.

Para os músicos, o álbum é mais uma oportunidade de se reconectar artisticamente em busca de um novo repertório, sem esquecer da trajetória que viveram até aqui. “Essa volta ao novo é tentar encontrar na gente a primeira chama, o despertar da razão pelo qual nos tornamos uma banda”, explica. “A gente está sempre tentando encontrar dentro de nós uma vontade que realmente nos impulse”, complementa o integrante.

“Eu cheguei em Belo Horizonte em 1993 e peguei a cidade explodindo. Skank, Pato Fu, Virna Lisi, eram bandas de tudo quanto é jeito tocando em tudo quanto é lugar. Menino vindo do interior, achei uma cidade maravilhosa. Eu sempre brinco que o trem estava passando e eu falei: ‘Peraí, deixa a gente ir também’, e nós pegamos o último vagão”, conta.

Parceria

Flausino garante que, apesar de não haver fórmula secreta por trás do sucesso e da longevidade do Jota Quest, a manutenção da amizade e da relação entre os cinco é essencial. “É muito difícil acontecer com uma banda o que aconteceu com o Jota Quest, chegar nesse ponto da carreira com tantos sucessos, enchendo shows e ainda fazendo música. A gente tem que cuidar disso demais, e cuidar disso é cuidar do nosso relacionamento”, avalia o cantor.

“Uma coisa que nós sempre tentamos fazer é passar por cima dos individualismos em detrimento do que é coletivo”, afirma. “Tem que ceder, tem que ouvir o tempo todo. É um desafio, mas a recompensa é maravilhosa. É estar, 30 anos depois, lançando um disco novo na maior empolgação, na reta final da maior turnê que a banda já fez na vida”, comemora.

O cantor revela que, apesar de sempre ter sonhado em tocar em grandes estádios, como ocorreu na *Jota25*, ele pensava que o tempo havia passado. “Nem todas nossas músicas viraram hits, nem todos os álbuns foram sucesso de vendas, mas, no fim do dia, a gente consegue fazer um show de duas horas e meia e 27 músicas cantadas com a ajuda do público”, destaca. “Uma música pode mudar a vida de alguém. E poder fazer parte da playlist da vida dos outros é muito chique”, sorri o artista.

Em paz com o futuro, como canta a faixa que dá nome ao novo disco, o quinteto agora vislumbra os próximos 30 anos de banda. “Muitas vezes, a gente começa a conversar com as pessoas e elas já partem da ideia de que a banda vai acabar, e eu sempre falo: ‘Cara, nós não vamos acabar’”, declara. “A gente tem que cuidar desse legado com responsabilidade, carinho e amor, porque foi isso que nos trouxe até aqui. Eu não pretendo abrir mão disso assim tão fácil”, finaliza Flausino.